



A Cultura através do Vídeo: Multilentes Audiovisuais¹

Joubert Lobato EVANGELISTA²

Profa. Dra. Lúcia Helena Vendrusculo POSSARI³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Nossa pesquisa se justifica, na medida em que as expressões culturais têm sido registradas em audiovisual, por diversos olhares. Nosso objetivo é analisar e descrever um desses registros de festas tradicionais mato-grossenses, o documentário “Vila Bela: Terra de Cores” do programa DocTV III, a fim de identificar as concepções de cultura que o engendra. A pesquisa é de abordagem qualitativa, em princípio de base documental, ancorada em teorias cujo aporte teórico-metodológico enfoca a cultura, a comunicação e o audiovisual. Para além desse momento que apresentamos, transporemos o pólo da emissão para a recepção, com vistas a verificar se a produção de sentidos dos leitores/espectadores contempla as concepções que localizamos nos vídeos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; audiovisual; cultura.

TEXTO DO TRABALHO

Os processos de leitura das produções audiovisuais estão hoje consolidados em nossa sociedade, na emergência da era digital, onde não apenas lemos mais imagens, signos, elementos visuais e sonoros impregnados de mensagens e sentidos. Agora o perpassamos, ultrapassando suas formas e interagindo, no limite da permissão de manipulação que é atribuído aos textos audiovisuais ou hipertextos da era da informação digital. Questionar hoje a veracidade das significações, ou não, dos signos corresponderia a questionar a possibilidade de construção de conhecimento através da leitura de construções textuais literárias. Se desconsiderarmos a possibilidade de uma fotografia não remeter ao objeto fotografado, não poderíamos também desconsiderar a referência possibilitada pelas denominações dos objetos ou seres?

Desde o advento da fotografia, deixando claro o registro real de uma imagem, sem a subjetividade e interpretação de formas, cores ou luzes e sombras, que um pintor emprega em suas telas, temos uma forma diferente de registro e demonstração de fragmentos da realidade. Onde antes a descrição literária, com seus adornos subjetivos

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² Mestrando do Curso de Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, email: joubert.ufmt@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Estudos de Cultura Contemporânea, email: luciahvp@hotmail.com



e românticos que atribuíam sentidos nas descrições e caracterizações dissertativas, como na descrição de uma rua, subjetivamente criada atribuindo casualidades, necessidades e representações pelo ator:

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade. (BARRETO, 1991. p.15)⁴

Diferentemente, para o fotógrafo, a rua será descrita/representada por uma imagem estática, onde os elementos descritivos e emocionais deverão ser trabalhados conceitualmente na composição visual através de personagens e objetos de cena que representem e identifiquem os elementos associativos, mas sem as aspirações poéticas possibilitadas por elementos inexistentes na fotografia. A imagem da rua é registrada e repassada pelo fotógrafo, com apenas os elementos presentes e visíveis na mira da lente da câmera fotográfica, enquanto para o escritor, com seu texto descritivo ou dissertativo, estão em suas palavras as induções de sentidos que deseja serem identificados e reconhecidos pelos leitores. Mas, tanto para o leitor contemplativo⁵ dos textos escritos quanto ao leitor movente⁶ dos textos visuais e sonoros existe a necessidade ao produtor da mensagem que haja entendimento, reconhecimento e decodificação das mensagens trabalhadas.

Em um mundo repleto de signos em todos os ambientes que compõe nossa realidade, onde, segundo Santaella (2004:28) “a vida cotidiana passou a ser um espectro visual, um desfile de aparências fugidias, um jogo de imagens que hipnotizam e seduzem” onde criamos a necessidade de aprender a ler as novas mensagens, “leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de luzes que acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo”. Hoje, que temos em nosso cotidiano o conviver com os meios audiovisuais, a televisão; o cinema; os aparelhos de celular com capacidade de reproduzir vídeos – muito comum entre jovens – e aparelhos de mp4, assimilamos essa nova postura de leitores, com nossos *vídeos de cabeceira* ou nos veículos automotivos. Estes aparelhos

⁴ BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. p 15. São Paulo: Ática, 1991.

⁵ SANTAELLA, Lúcia. Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. In SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo, p.p. 15 – 35. São Paulo: Paulus. 2004.

⁶ Idem.



ultrapassaram o papel de eletroeletrônicos, tornando-se objetos de desejo da sociedade, trazendo em suas telas informação e entretenimento através de signos visuais e sonoros, retirados da internet, via de circulação de produções comerciais e independentes sem limite aos acessos, independente de espaço ou tempo de acesso ou produção dos conteúdos.

Assim como a internet, e até antes dela, temos as vídeos-locadora assumindo o papel de local de difusão de produções audiovisuais, sejam elas ficções dos mais variados gêneros e estilos ou documentários. E está nessa categoria nosso objeto de estudo, o documentário. Para nosso trabalho focaremos um documentário que aborde como temática as manifestações culturais mato-grossenses, elegemos então o documentário *Vila Bela: Terra do Cores*, da documentarista Bárbara Fontes, que elege quatro personagens da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do Estado de Mato Grosso, para apresentar e questionar sobre a cultura da região, através de entrevistas demonstrações de eventos culturais e rituais da comunidade, de predominância negra, descendentes de quilombolas.

Verificaremos através do estudo mais detalhado da produção, sobre os papéis representados através da produção pelos participantes, diretos ou indiretos, de conceitos que abordem os estudos culturais, como Goffman⁷, identificando no documentário as várias facetas que constituem a realidade do cotidiano cultural deste povo. Analisando a peça, buscaremos identificar papéis como: o indivíduo *clínico* e o *sincero*; a construção de cenários de fachada, na representação/encenação das danças e rituais populares regionais; a *realização dramática*, buscando nos indícios visuais e sonoros do pré e pós festividades; a *idealização* expressa na reafirmação ou simulação dos valores morais da comunidade perpassados, teoricamente, por fatores externos ou internos de mudança; a *manutenção do controle expressivo* na delimitação dos processos interativos entre o público, *platéia*, e os portadores da cultura de Vila Bela, os moradores, no momento de realização das danças e ritos; buscar a existência, ou não, da *representação falsa* naqueles que personificam a expressão cultural para si, mas desacredita em seus significados culturais; a construção de uma realidade falseada por *artifícios*. Outro conceito que será abordado para estudar a representação do real (manifestações culturais como a de Vila Bela) neste estudo das representações culturais será o de Geertz, em sua Antropologia Interpretativa, ou Cultura da Semiótica, onde podemos analisar estas

⁷ GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.



produções audiovisuais como construções de interpretação e retratação da realidade social.

Questionamos, neste trabalho, o papel da produção audiovisual, através do documentário, como meio de representação desta cultura. Será que esses eventos culturais, após registrados, têm seus elementos culturais, têm seus significados reconhecidos por aqueles que assistem? O que se perde nestes registros? Aqueles representados audiovisualmente se reconhecem na tela? Vêem sua o cotidiano de suas realidades expressa, real ou simuladamente, no registro documental do cinema ou do vídeo?

Buscaremos esclarecer, através da análise do documentário, pesquisa com os quatro personagens principais, entrevista com moradores da cidade de Vila Bela e com nascidos na cidade, porém não mais moradores da comunidade, de modo a identificar, através das respostas, a identificação do real na interpretação dos indivíduos portadores desta cultura expressa no audiovisual.

Por um lado, esse sistema possui uma dimensão simbólica – num constante jogo entre signos e sentidos -, que compreende a (re) construção, armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os consome (leitores, espectadores, telespectadores, etc). (MEDRADO, 2004. p. 244) ⁸

Importante lembrarmos também do papel do documentarista, produtor da peça audiovisual e responsável pela criação conceitual e técnica da produção. Elemento fundamental para entendermos o processo de reconhecimento espaço-temporal da cultura retratada.

Segundo Bill Nichols (2005), quando produzimos um documentário somos fiéis depositários de uma representação, seja ela real ou ficcional, “experimentamos uma forma distinta de fascínio pelas oportunidades de testemunharmos a vida dos outros quando eles parecem pertencer ao mesmo mundo histórico a que pertencemos”.⁹

Para o documentarista sua obra revela a realidade, expõe elementos do mundo através de sua lente que não seria visto por mais ninguém. Seu papel é explorar os elementos ocultos de seu objeto documentado, descobrindo através dos depoimentos relatos jamais revelados a nenhum outro espectador real daquela ação cultural. Tal qual a fotografia,

⁸ MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In SPINK, Mary Jane. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

⁹ NICHOLS, Bill. Introdução do documentário. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.



registrando fragmentos do real, o documentarista revela as sombras da realidade. Não mais imóvel, como na fotografia, o vídeo agora assimila movimentos e sons que revelarão novos elementos, assumirão o papel de olhos e ouvidos do espectador, que não mais se faz ausente da apresentação. A mídia não leva o evento ao telespectador, a câmera faz o papel de olhos, ouvidos e corpo do espectador que agora está presente na ação do grupo cultural, visualiza com maiores detalhes, ocultos até ao mais observador dos visitantes da região. Seus recursos técnicos possibilitam agora criar vários olhares, multi-focar os pontos de visão, passear por áreas panorâmicas, adentrar aos rituais e caminhar lado-a-lado com aqueles que, presencialmente, não podem ser tocados, sob o risco de tornar-se intruso da representação cultural.

Segundo Giane Rose (2002), os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, seqüências de cenas e tudo o mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração.¹⁰

Analisaremos o papel do audiovisual no registro das culturas no contemporâneo. Não teria ele mesmo, não apenas mais fazendo-se presente como elemento cultural na construção de uma realidade, seja ela real ou simulacra, perpassando a representação cultural, num processo de construção sógnica? Em um mundo de onde a Cultura do Audiovisual está presente nas releituras dos códigos culturais, do cotidiano, a ponto de podermos questionar, na era da Realidade Virtual, os próprios conceitos de realidade?

¹⁰ ROSE, Giane. Análise de imagens em movimento. p 343. In BAUER, Martin W e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1991.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTES, Ivana (org.). **Ecos do Cinema: de Lumière ao digital**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MEDRADO, Benedito. **Textos em cena: a mídia como prática discursiva**. In SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ROSE, Giane. **Análise de imagens em movimento**. p 343. In BAUER, Martin W e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo**. In SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**, p.p. 15 – 35. São Paulo: Paulus. 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.